

Boletim de Cunicultura



ISSN 2526-7604

Boletim Informativo ACBC V.11, ano 02, (2018) > Página inicial

Confira nesta edição do Boletim de Cunicultura ACBC !

Editorial

Confira a mensagem do prof. Luiz Machado para nossa 11ª edição. **Pág. 02**

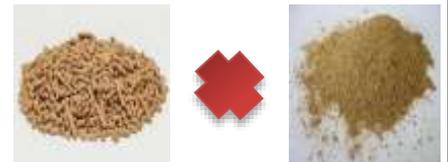


Notícias

Confira evento realizado pelos cunicultores cariocas bem como uma importante pesquisa mundial sobre consumo da carne de coelhos. **Pag. 03**

Ciência traduzida

Ração farelada x peletizada: veja o resultado encontrado através de uma pesquisa científica. **Pág. 04**



Curiosidades Cunícolas

Displasia (pernas abertas) o que é? **Pág. 05**

Opinião e Atualizações

Uma reflexão sobre causas da elevada mortalidade pré-desmame no Brasil. **Pág. 07**



Nota técnica

Saiba mais sobre informações pré-abate. **Pág. 08**

Túnel do tempo

Confira a primeira parte da História da cunicultura brasileira até o ano de 2006. **Pág. 10**

Minha história na cunicultura

Nesta nova edição do boletim vamos contar a história da estudante Evelyn Golin. **Pág. 14**



Eventos

O Boletim traz para você os próximos eventos em Cunicultura. **Pág. 16**

O Boletim de Cunicultura é um projeto de extensão do IFMG Bambuí, apoiado pela ACBC.
Responsáveis: Prof. Luiz Carlos Machado (coordenador) / Rosiane de Souza Camargos (Voluntária)
Apoio: Yuri de Genaro Jaruche. **Contato: faleconosco@acbc.org.br**



INSTITUTO FEDERAL
MINAS GERAIS
Campus Bambuí

EDITORIAL



Saudações queridos cunicultores, estudantes, pesquisadores, técnicos, professores, interessados na atividade e demais agentes da cunicultura brasileira. Este mês de agosto, acredito que será especial para a cunicultura brasileira. Teremos a oportunidade de receber no Brasil, por ocasião do VI Congresso de Cunicultura das Américas (ARC), pesquisadores renomados bem como jovens promessas na pesquisa em cunicultura, de vários cantos do planeta. Serão abordadas áreas emergentes do conhecimento como Criação de coelhos orgânica, Bem-estar de coelhos e Nutrição de coelhos pet, tão quanto áreas já tradicionais como a Reprodução cunícula, Manejo sanitário, Cunicultura e o desenvolvimento humano além do melhoramento genético cunícula. Espero que seja uma excelente oportunidade para discutirmos a cunicultura, incrementarmos e melhorarmos nosso diálogo bem como firmar novas parcerias.



Luiz Carlos Machado

***Secretário da ACBC
Professor do IFMG
Campus Bambuí***

Nesta seção do boletim apresentamos informações diversas que podemos colher nos últimos meses. Parabéns aqui os valentes cunicultores que muito tem se empenhado em realizar eventos em seus estados, o favorece de maneira significativa o desenvolvimento da cunicultura local, haja vistas que o diálogo é quesito fundamental para que todos evoluam e vençam suas dificuldades. Chamamos atenção para o fato de que recuperamos um importante material apresentado no III ARC pela querida professora Maria Paz (Pacita) que contava a história da cunicultura até o ano de 2006. Já estamos preparando a segunda parte para a próxima edição deste boletim. Além disso acredito que sejam importantes as demais informações técnicas aqui apresentadas, relacionadas ao uso de rações peletizadas ou fareladas, inspeção de animais para abate bem como uma reflexão sobre a elevada mortalidade de láparos que ainda temos no Brasil, problema recorrente que temos que resolver. Na seção de histórias, temos a oportunidade de contar um pouco sobre a vida de uma estudante de Veterinária apaixonada pelos coelhos, a querida amiga Evelyn Golim.

Para finalizar eu gostaria de usar a frase da querida amiga Liliane que diz que “essa turma da cunicultura é muito porreta” e dizer que é um prazer e uma grande oportunidade para mim estar à frente deste projeto que é o boletim. Mas ressalto que este trabalho necessita de apoio de todos os colegas da cunicultura no sentido de nos enviarem material técnico, notícias, informações em geral, depoimentos, etc. Como citado na última edição, é um trabalho voluntário que realizamos com muito amor, mas que para que prossiga ativo, necessitará da colaboração de todos, senão, a médio prazo, estará fadado ao fracasso.

NOTÍCIAS



CUNICULTORES DO RIO DE JANEIRO REALIZAM MAIS UM EVENTO

Mais um evento foi realizado pelos cunicultores do Rio de Janeiro, estado onde os profissionais muito têm se organizado afim de trabalhar uma cunicultura mais dinâmica e que vá de encontro às necessidades de seus clientes. Nesta oportunidade os cunicultores se encontraram na Quinta da Boa Vista, havendo palestras, venda de animais e assessorias, concursos, etc.



Segundo Luiz Eduardo, da Lulu coelhos, o evento na Quinta da Boa Vista foi muito positivo no sentido de divulgar a existência das raças de mini coelhos e coelhos anões que percebemos que as pessoas ainda desconhecem. Como era a época de férias escolares aqui no Rio de Janeiro o público foi bem grande. Tivemos a oportunidade de explicar para várias pessoas como se cuida de coelhos, quais eram as diferenças entre as raças e os pontos positivos em se ter um coelhinho como bichinho de estimação.

A equipe do boletim de cunicultura ressalta que atividades como essa são fundamentais para maior sucesso dos cunicultores PET, os quais tem na criatividade a principal ferramenta de trabalho.

PESQUISA MUNDIAL DE CONSUMO DE CARNES DE COELHO É REALIZADA

Uma pesquisa mundial sobre consumo de carne de coelho está sendo coordenada pela equipe da Dra.Katalin Szendro (Universidade Kaspovar - Hungria). Solicitamos aos colegas que ajudem neste trabalho, acessando ao link (português):

<https://drive.google.com/open?id=1MpUd21RPtCYbCPQZg7xEEnC745W29z5NjxecMsAGTpY>

CIÊNCIA TRADUZIDA



FARELADA X PELETIZADA: UTILIZAÇÃO SOBRE O DESEMPENHO E PARÂMETROS DE CARÇAÇA DE COELHOS EM CRESCIMENTO

É fundamental a buscar por novas tecnologias que barateiem os custos de produção. A compra de uma peletizadora por parte dos cunicultores ou pequenos grupos é muito onerosa e assim há interesse em diferentes formas físicas para alimentação de coelhos. Contudo são poucas as pesquisas que avaliaram dietas fareladas ou diferentes formas físicas para esses animais.

Assim, pesquisadores do Departamento de Zootecnia da Universidade Estadual Paulista utilizaram coelhos em crescimento para avaliar o uso de rações fareladas em comparação às tradicionais rações peletizadas. Foi verificado que a ração peletizada proporcionou aos animais um melhor ganho peso e maior peso de carcaça.

Relacionaram isso a uma maior dificuldade do animal se adaptar a essa forma física da dieta após desmame. Além disso, sabe-se que as rações peletizadas, por terem passado pelo processamento térmico, apresentam maior digestibilidade de seus nutrientes.

Os pesquisadores observaram também que há elevado desperdício quando se utiliza rações fareladas. Dessa maneira foi verificado que há queda no desempenho quando se utilizam rações fareladas para coelhos.

Contudo, a equipe do boletim chama atenção que esta forma física da ração não deve ser totalmente descartada e que novas pesquisas com equipamentos específicos devem ser desenvolvidas. No Rio Grande do Sul, por exemplo, há alguns anos, a equipe da Professora Geni Salete desenvolveu um comedouro para esses animais adaptado ao fornecimento de rações fareladas.



CURIOSIDADES CUNÍCULAS



CURIOSIDADE SOBRE OS COELHOS – DISPLASIA (PERNAS ABERTAS) O QUE É?



Por: Ana Carolina Kohlrausch Klinger - Zootecnista e doutoranda UFSM

“Tenho em minha propriedade um coelho que nasceu sadio. Foi desmamado aos 35 dias e estava crescendo normalmente. De repente, por alguma causa desconhecida, quando estava com mais ou menos dois meses, suas pernas se abriram e desde então o animal não consegue mais se locomover. O que devo fazer?!”

Este relato acima, descrito muitas vezes como “pernas abertas” ou “coelho sapo” trata-se de displasia. Esta, geralmente ocorre apenas nos membros posteriores (pernas de trás) por isso chamada de displasia coxofemoral (nome da articulação que une o osso da bacia com o osso da perna). No entanto, pode ocorrer também nos membros anteriores, como no caso do animal da Figura 1, que teve as quatro patas afetadas.

Em raros casos, mais de um animal da mesma ninhada apresenta displasia embora esta doença seja de causa genética. É uma deslocação congênita do quadril, e infelizmente é observável em filhotes em crescimento (após o desmame). Os animais não conseguem se locomover adequadamente, pois a perna se mantém virada e rígida, prejudicando também a higiene pessoal.

Não existe tratamento curativo para displasia em coelhos, trata-se, portanto, de uma doença fatal. Nesse sentido, o mais aconselhável, mesmo em animais de companhia é a eutanásia, já que, caso contrário, o animal irá morrer após meses de muito sofrimento e desconforto.



Figura 1 - Caso de displasia

Fonte: A autora. Retirada na propriedade do Sr. Evaldo Theisen

OPINIÃO E ATUALIZAÇÕES



UMA REFLEXÃO SOBRE CAUSAS DA ELEVADA MORTALIDADE PRÉ-DESMAME NO BRASIL

**Por prof. Luiz Carlos Machado
IFMG campus Bambuí**

Há cerca de cinco ou seis anos eu havia convidado alguns colegas para me ajudarem na elaboração de uma nota técnica que tratava de um problema que me preocupava muito. A nota intitulada “Mortalidade de lárparos em cunicultura”, disponível ainda no site da ACBC, discorria sobre este importante assunto que até os dias de hoje assolam as granjas cunícolas no Brasil. O fato é que até 20% dos nossos lárparos morrem no período anterior ao desmame, havendo sido relatadas situações muito piores. Na Europa as perdas são bem menores e somam somente cerca de 5%.

Dessa maneira, por considerar que esse é um dos assuntos de extrema importância para que a cunicultura seja conduzida de maneira responsável, racional e eficiente, passo a apresentar alguns outros aspectos de destaque que tenho percebido ao longo dos últimos anos:

Baixa qualidade dos ninhos – Nossos ninhos poderiam ser bem melhores e são bastante inferiores a aqueles que são utilizados na Europa. Percebo hoje que o ninho totalmente aberto, mesmo sendo ainda muito utilizado por alguns cunicultores ou centro de pesquisa, contribuem muito para aumento da mortalidade e aumento do número de partos externos ocorridos no piso da gaiola. Um bom ninho deve proporcionar um ambiente mais escuro, onde a coelha se sinta mais protegida. Neste sentido o ninho fechado tem grande

vantagem, além de oferecer um melhor clima aos lárparos em desenvolvimento. Tenho também a impressão de que algumas coelhas sempre urinam ou defecam nos mesmos lugares de sua gaiola e sendo assim, conforme a posição que o ninho é colocado dentro da gaiola, haverá a ocorrência de grande volume de fezes ou urina dentro do mesmo. Aqui no IFMG Bambuí reduzimos bem a nossa mortalidade (reduzimos a 12% até o momento) adotando um ninho parecido com o modelo europeu o qual foi adaptado à gaiola (veja fotos a seguir), sendo acoplado na abertura onde se colocava o comedouro. Em um teste de preferência que estamos realizando com ninhos abertos e estes ninhos externos, todas as coelhas escolheram o ninho externo. Devemos lembrar também que a desinfecção deste ninho será fundamental, podendo ser utilizada amônia quaternária e posterior secagem ao sol. Isso ajuda também a retirar o cheiro de outra matriz impregnado na madeira. Dessa maneira, se quisermos diminuir nossa mortalidade pré-desmame podemos começar oferecendo ninhos melhores aos animais.

Baixa qualidade genética de nossas matrizes - Associada à **elevada taxa de consanguinidade** de nossos planteis, a baixa qualidade genética influencia negativamente na mortalidade. No Brasil temos somente um programa amplo de melhoramento genético situado em Botucatu e os resultados deste importante trabalho chegaram a poucos lugares. Nossas matrizes têm dificuldade para cuidar de ninhadas numerosas (acima de 9 filhotes). Para se ter

uma ideia, na Europa, após o segundo parto, as matrizes são padronizadas com 10 filhotes e ainda a taxa de mortalidade é baixíssima, como apontado anteriormente. Já as nossas matrizes dificilmente desmamam os oito filhotes quando são padronizadas com esta quantidade. É claro que as condições de criação europeias são bem adequadas, pois as matrizes são criadas em galpões onde a temperatura é bem controlada, o que favorece o conforto ambiente e o elevado consumo de ração. De uma maneira geral, é preciso que melhorem a difusão do material melhorado geneticamente em Botucatu bem como passemos a trabalhar com cruzamentos entre diferentes raças bem como matrizes híbridas. Esta prática contribuirá muito para redução da consanguinidade. Devemos lembrar também que a partir da técnica da inseminação artificial é possível conseguir progressos genéticos significativos gastando menos. Outro problema que percebo hoje, que acontece muito a nível de granja e que pode ainda estar associado à genética dos animais é a perda das matrizes por doenças sem diagnóstico ou de maneira brusca. É necessário que busquemos por laudos veterinários mais eficientes, que diagnostiquem com precisão o verdadeiro motivo das mortes.

Ração de qualidade intermediária – Para suportar elevados ritmos reprodutivos e ainda manter uma elevada produção de leite, contribuindo para redução da mortalidade pré-desmame, nossas rações poderiam ser melhores. Há boas rações no mercado, mas grande parte delas não atingem os níveis nutricionais ótimos que nossas coelhas necessitariam. Um grupo de cunicultores deve



discutir esse problema elegendo a melhor ração, de melhor custo benefício, para aquela região e se possível incrementar o diálogo com a fábrica a fim de se ajustar melhor os níveis nutricionais. Neste sentido outros nutricionistas de coelhos podem ser consultados a fim de dar sua parcela de contribuição. Uma excelente solução é a fábrica de rações adotar as recomendações colocadas no manual prático de formulação, disponível gratuitamente no site da ACBC.

Controle do fotoperíodo (uso de programa de luz) – Tai um assunto em que praticamente nem iniciamos e que teria um impacto elevado sobre a reprodução. A luz é fisiologicamente fundamental para todo o processo reprodutivo. Particularmente o único criatório que conheço que adota programa de luz no Brasil é o da UNESP Botucatu. Na Europa, conforme a latitude, eles adotam 16 horas de luz total. Aqui no Brasil, poderíamos talvez utilizar 14 horas para a maioria dos locais. Considerando que o investimento é baixo e os benefícios são muitos, poderíamos já iniciar o uso desta prática, a qual melhoraria de uma maneira geral, todos os índices reprodutivos em uma granja. É claro que o ajuste dos equipamentos exige cuidados e conhecimentos técnicos mais aprofundados, mas é necessário que pelo menos se inicie a sua utilização para irmos depois ajustando.



Ninhos externos de madeira acoplados à gaiola

NOTA TÉCNICA



INFORMAÇÕES PRÉ-ABATE

Por: Marcos Ferreira Kac – Médico Veterinário e Cunicultor. Coelho Real

E-mail: faleconosco@coelhoreal.com.br

Quando falamos em animais para abate, muitas dúvidas surgem, quanto a raça, cor de pelagem, peso, sanidade, características de transporte, entre outros. Essa nota técnica tem o intuito de esclarecer algumas dessas dúvidas e ajudar os produtores que querem ingressar na cunicultura, atividade que muito tem a crescer em nosso país. Para facilitar o entendimento, esclarecemos:

1) Porque abater coelhos no Brasil se não temos costume de comer essa carne?

O consumo da carne de coelhos no Brasil vem crescendo ano a ano, a nosso entendimento, principalmente por 4 motivos:

a) O brasileiro está cada vez mais se preocupando com a saúde e a carne de coelho é extremamente saudável, apresentando baixos índices de gordura e colesterol, fácil digestibilidade, versatilidade no preparo além de diversas outras qualidades;

b) Essa carne está com preço cada vez mais competitivo, visto que tivemos aumentos significativos nos preços das carnes mais comumente consumidas (bovina, suína e

aves) e a carne de coelhos teve leve reajuste e em algumas situações até inferior à nacional.

c) Seja através do “boca a boca” ou simples ações de marketing desenvolvidas por cunicultores e pela própria ACBC, a divulgação da carne tem sido feita eficientemente. Mesmo assim o consumo anual comparado às outras carnes é ainda insignificante.

d) O “preconceito” em consumir carne de coelhos está diminuindo cada vez mais, pois as pessoas estão se conscientizando que o coelhos não são apenas para uso pet (como os mini coelhos) mas também um animal de elevada produtividade, capaz de produzir anualmente 120 kg de peso vivo utilizando uma coelha em uma área de aproximadamente 2m².

2) Qual a melhor raça e cor de coelho para criação? Qual peso indicado para abate?

Os abatedouros costumam comprar coelhos de qualquer raça e cor, desde que respeitem o peso exigido pelo comprador. Alguns dão preferência por coelhos acima de 2,2 kg, enquanto outros acima de 2,5 kg. Mas, a raça mais usada em nosso país

é o Nova Zelândia Branca, pois são consideradas as melhores “mães”, proporcionando boa relação custo benefício. Outra raça de tamanho médio, como o Califórnia, também é indicada, mas ainda pouco utilizada no Brasil. Cruzamentos usando machos meio sangue gigantes ou oriundos de melhora genética como a desenvolvida na UNESP de Botucatu (Raça Botucatu), são indicados pois consegue-se filhotes com uma conversão alimentar melhor, tendo período de engorda mais rápido. A melhoria genética do plantel exige muito tempo e dedicação dos produtores, o que será facilitada num futuro a partir da implementação do uso de inseminação artificial.

3) Quais as exigências sanitárias para os coelhos de abate?

No Brasil ainda não existe uma norma específica, o importante é que os animais sejam criados respeitando as normas básicas de higiene, de criação humanitária e bem-estar animal. Há que utilizar locais adequados, com conforto térmico, alimentação de boa qualidade, fornecendo água de boa qualidade e a vontade.

4) Como deve ser o transporte para abate?

Os animais podem ser acondicionados em caixas de madeira, plásticas, de ferro, etc, desde que sejam transportados ventilados e de preferência durante a noite ou madrugada,

evitando as horas quentes do dia. Esse tema já foi detalhadamente descrito e se encontra no link: http://acbc.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=229&Itemid=276

5) Há outras exigências?

Outra exigência importante, a qual também é fiscalizada pelo Ministério da Agricultura, principalmente quando o frigorífico visa exportar a carne abatida, é quanto a presença de resíduos de medicamentos, promotores de crescimento, etc, na carne ou órgãos dos animais. É imprescindível que os produtores respeitem o período de carência de cada medicamento utilizado, antes de enviar os coelhos para abate.

Além da preocupação com os animais propriamente ditos, o produtor tem que se preocupar com a certeza de venda da produção e portanto é necessário que se firme com o frigorífico, uma parceria de compra, para não correr o risco deste último não ter pra quem vender os coelhos posteriormente. Esses contratos são fundamentais para organização de ambas as partes e para que cresçam juntos.

TÚNEL DO TEMPO



HISTÓRIA DA CUNICULTURA NO BRASIL – PRIMEIRA PARTE

Por: Maria Paz Abraira López de Crespi – Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Trabalho apresentado em Maringá por ocasião do III Congresso de Cunicultura das Américas – 2006
Tradução: Luiz Carlos Machado

A EVOLUÇÃO DA CUNICULTURA NO BRASIL – PARTE 01

Até o início dos anos 60 o coelho foi criado basicamente como um animal de estimação. Durante esta década se iniciou a produção de lãparos de 3 dias, entregues aos laboratórios envolvidos na produção de vacinas contra a febre aftosa e os animais de maior idade eram vendidos como animais de estimação nas regiões sul e sudeste. No final dos anos sessenta, os laboratórios desenvolveram outros métodos alternativos para produção da vacina e assim alguns criadores tiveram que se adaptar à produção de carne. Houveram problemas relacionados à falta de conhecimento gerencial, locais adequados para a engorda e baixa demanda no mercado.

Nos anos 70 começaram a aparecer novas granjas direcionadas à produção de carne nas regiões sul e sudeste e o número de coelhos cresceu (Tabela 1). Houve a importação e aclimatação de animais (QUINTANILHA, 1970). Em São Paulo e no Rio Grande do Sul alguns produtores começaram também a se dedicar a produção de pelos

angorá, já que seu preço no mercado mundial estava muito atraente. Neste momento foram montadas grandes granjas no estado de São Paulo que se tornaram as maiores do país, merecendo destaque a Criex, Selecta e Angolana. Essas empresas visavam principalmente a produção de carne, peles e pelos angorá (Angolana). Esta última ainda existe hoje, mesmo tendo reduzido o número de animais. Neste ano de 2006 eles estão produzindo mini vacas, ovelhas, cachorros, peixe e pôneis.

Nos anos 80 a granja Bela Vista começou seus trabalhos no estado de São Paulo (VAL, 1991), vendendo animais de diversas raças e dentre elas um animal próprio, resultado do cruzamento entre as raças Califórnia, nova zelândia branca e gigante de Bouscat, onde vendiam para São Paulo e estados vizinhos.

Ainda nas décadas de 70 e 80, vários genótipos diferentes como os coelhos NORFOLK, HYL A e ZICA foram importados, mas os animais puros desapareceram nas granjas ao longo dos tempos. Há que se destacar que para manejo destes genótipos se apresentava dificuldades relacionadas aos custos de

produção, os quais eram mais elevados, à falta de conhecimento das suas necessidades nutricionais além de que os cunicultores começaram a usar seus próprios animais machos ao invés de adquirir de outros criadores, o que favoreceu a elevação da consanguinidade, desfavorecendo assim os índices reprodutivos.

Os animais foram criados tanto em gaiolas tradicionais, em ambientes fechados ou em ambientes externos, alimentados com subprodutos advindos de horticultura e rações comerciais. A tecnologia aplicada foi trazida de países bastante diferentes do Brasil (SANTOS, 1985). Novas informações eram necessárias em quase todas as áreas: manejo, reprodução e alimentação/nutrição. Tão logo apareceram os cursos de graduação em Zootecnia a cunicultura começou dentro das Universidades que tinham esses cursos e assim professores e alunos se envolveram em projetos de pesquisa financiados pelas Universidades, pelo CNPq, FINEP e FAPERJ (no estado do Rio de Janeiro). Cursos de pós-graduação produziram a continuação a produzir conhecimento na forma de dissertações e teses nos níveis de mestrado ou doutorado e hoje já temos muitos resultados colhidos em nossas próprias condições, principalmente na alimentação, nutrição e gestão. Pesquisas de melhoramento genético não tiveram êxito a não ser por algumas universidades ou em fazendas maiores como a Selecta. Este é o caso da UNESP Botucatu e do genótipo da granja Bela Vista.

Em 1985, o estado do Paraná deu um grande passo no desenvolvimento da cunicultura através do Programa Nosso Coelho, de origem da COOPERCOELHOS na

região de Curitiba, com o apoio da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (CORDEIRO, 1985). O projeto pretendia iniciar cinco cooperativas centrais em regiões estratégicas do estado do Paraná e mais vinte grupos de apoio com escritórios e profissionais de universidades, os quais tinham a responsabilidade de assistência técnica. O crescimento elevado na população cunícula nesta época pode ser visto na Tabela 1 e 2 (IBGE). Nos anos seguintes haveriam aproximadamente 70.000 criadores (ACBC, 2006). Contudo, o sistema elaborado teve que enfrentar sérios problemas que acabaram inviabilizando o Programa Nosso Coelho. Os principais motivos são destacados a seguir:

- Atrasos no funcionamento dos abatedouros e curtidores, de modo que os animais prontos para abate tiveram que ser trazidos de todas as regiões do Estado do Paraná para o único local disponível (Curitiba) o qual logo ficou sobrecarregado.
- Não havia espaço para manter os animais acabados nas granjas.
- Baixa qualidade genética e alto índice de consanguinidade, já que os animais dos criadores proviam de apenas duas granjas ligadas a COOPERCOELHOS.
- Fracasso do Plano Econômico da época com o retorno da inflação, trazendo inviabilidade a muitos projetos, especialmente aqueles que estavam envolvidos com financiamento bancário.
- Mesmo os criadores tradicionais foram prejudicados pelo fracasso da COOPERCOELHOS além do encerramento das atividades do único abatedouro situado em Curitiba.

REGIÕES/ANO	1960	1970	1980	1986	1987	1988	1990	2000	2004
NORTE	392	448	3.494	3.991	4.231	5.678	7.099	3.545	2.397
NORDESTE	5.107	16.343	33.030	26.853	39.180	40.921	35.934	46.569	30.594
SUDESTE	52.242	123.080	222.008	354.995	370.040	339.044	232.493	121.666	112.489
SUL	41.350	187.364	198.933	397.586	510.425	505.090	401.853	197.34	172.552
CENTRO-OESTE	908	3.035	10.055	8.503	38.460	18.178	19.515	5.959	6.550
TOTAL	99.999	330.270	467.520	791.928	962.336	908.911	696.894	375.573	324.582

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Os planos econômicos, a inflação e as taxas para exportação também foram responsáveis pela queda na produção observada nos anos noventa. A partir de 2000, uma diminuição notável no número de coelhos foi observada em todo o país, mesmo no maior estado produtor. A produção de coelhos continua a existir em 2006 graças à iniciativa de indivíduos ou pequenos grupos de produtores nos estados tradicionais.

A produção total, entretanto, é pequena quando se considera a população brasileira, suas necessidades de proteína animal, seu enorme território e o número de granjas onde o coelho poderia ser criado, tanto para alimentação em sistema de agricultura familiar quanto para atender à produção de carne ou outros produtos (pele, pelo, vísceras, etc).

TABELA 2: Evolução do número de coelhos nos maiores produtores estaduais

ESTADO/ANO	1960	1970	1980	1985	1986	1987	1990	2000	2004
BAHIA	1.012	1.179	4.390	8.985	14.481	21.504	10.448	18.055	23.111
MINAS GERAIS	3.777	9.572	25.855	57.195	55.886	59.793	37.404	24.054	17.409
RIO DE JANEIRO	12.900	30.216	32.767	112.843	122.276	123.690	70.437	18.779	17.432
SÃO PAULO	34.830	80.628	161.573	121.403	173.602	183.308	119.928	74.316	75.571
PARANÁ	10.200	16.408	57.696	115.367	186.088	226.544	133.921	28.397	28.386
SANTA CATARINA	8.200	15.839	55.563	54.418	60.560	117.131	60.626	55.553	34.552
RIO GRANDE DO SUL	22.950	155.117	85.674	146.580	150.938	166.750	207.305	113.887	109.614

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PRINCIPAIS OBSTÁCULOS À EXPANSÃO DA CUNICULTURA NO BRASIL

- Falta de políticas públicas duradouras para a atividade: O produtor de coelhos está quase sozinho sendo necessário atrair maior atenção do Ministério da Agricultura.
- Valor genético dos planteis: Não há controle da consanguinidade e assim a qualidade genética é inferior, havendo baixa resistência a doenças e queda na taxa de fertilidade e no número de láparos nascidos por ninhada.

- Qualidade sanitária: Não há vacinação para mixomatose e pastorelose, pois não há produção de vacinas no país, sendo cara a importação. Como o controle sanitário não é rigoroso há sempre o risco de algum animal não saudável ser comercializado, podendo apresentar uma das doenças descritas acima ou enfermidades menos graves como prurido e dermatomicoses. Torna-se necessário colocar o animal em quarentena sem garantia da compensação por qualquer doença preexistente.

- Falta de coelhos para abate: a grande maioria do abate é realizada em estabelecimentos clandestinos sendo difícil comercializar sua produção, uma vez que os supermercados não lidam com carne sem certificação.
- Falta de assistência técnica gratuita: faltam técnicos bem preparados para atender aos produtores. Grandes produtores podem pagar por assistência qualificada, mas os menores não podem assumir todos os custos envolvidos e assim procuram as universidades, seus veterinários e zootecnistas para resolver seus problemas.
- Falta de cooperativismo: em 1965 houve a criação da Associação Nacional de Cunicultores, com apoio do Ministério da Agricultura que lidava com a certificação genealógica e reprodução. A entidade promovera shows, palestras técnicas, cursos e edição do Boletim do ANC. Infelizmente, quase não há associações em atividade e o produtor está quase sozinho.
- Falta de rações de boa qualidade as quais quando encontradas são frequentemente caras.
- Poucos produtores de equipamentos: Os equipamentos específicos são de custo elevado e menor durabilidade.

PROPOSTAS PARA MELHORIA DA CUNICULTURA BRASILEIRA

- Desenvolvimento de uma política pública contínua com prioridade às regiões tradicionais além da reativação de cooperativas.
- Criação de Programas de produção em pequena escala nas diversas regiões do país.
- Criar uma Comissão formada por membros da Associação Científica Brasileira de Cunicultura, Ministério da Agricultura, Secretaria de Agricultura,

cunicultores e serviço técnico de extensão rural.

- Estimular a organização de produtores nos níveis local, regional e nacional.
- Elaborar Programas de melhoramento, envolvendo o CNPq, FINEP e outros apoiadores relacionados.
- Desenvolver tecnologia para produção nacional de vacinas. Enquanto isso não for viável, simplificar e tornar a importação menos cara.
- Construção de locais credenciados para abate e curtimento de peles, possibilitando a sua comercialização, além de vísceras, cérebro dentre outros.
- maior investimento no Marketing da carne
- Publicação de revistas científicas ou técnicas.

REFERÊNCIAS

ACBC- Associação Científica Brasileira de Cunicultura. A Cunicultura no Brasil http://www.acbc.uem.br/cunicultura_no_brasil.htm - Pag. 1-3. Acesso em 27/04/2006

CORDEIRO, P.R. Mesa Redonda: Propostas para o programa nacional de desenvolvimento da cunicultura. Anais do 1º Encontro Nacional de Cunicultura. Belo Horizonte, Minas Gerais. Pag. 6-10, 1985.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Departamento de Censos. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Censos Agropecuários. Rio de Janeiro. Brasil.

QUINTANILHA, E. O advento da cunicultura comercial no Brasil. Boletim da Associação Nacional dos Cunicultores. Pág. 32-35, outubro de 1970.

SANTOS, J. G. Mesa Redonda: Propostas para o programa nacional de desenvolvimento da cunicultura. Anais do 1º Encontro Nacional de Cunicultura. Belo Horizonte, Minas Gerais. Pag. 10-12, 1985.

VAL, A. J. Com muito carinho, sem afoiteza. Globo Rural, abril, ano 6. nº 66. pág.33-38, 1991.

MINHA HISTÓRIA NA CUNICULTURA



Olá! Sou Evelyn Golin quarto ano de medicina veterinária, comecei na cunicultura no primeiro ano do curso, isso era 2015, mas, antes disso já tinha meu filho mais velho o Fritz, um mini coelho holandês, miga saga na cunicultura começou na disciplina de Bioclimatologia da professora Dra. Regina Blaitt (hoje ela é minha orientadora de iniciação científica e TCC), um trabalho para fazermos em algum criatório de qualquer animal para avaliarmos as condições ambientais e de bem estar animal.

Na época procuramos vários locais o único que nos autorizou foi o Henrique da Fazenda Angolana para visitarmos o setor de cunicultura, no decorrer da visita nos interessamos e pedimos alguma indicação, para obtermos maiores informações, ele nos indicou o Marcos Kac da Coelho Real.

Marcamos uma visita à Coelho Real (o abatedouro), depois o Marcos que nos atendeu nos indicou a Dra. Ana Silvia da Unesp Botucatu; não perdemos tempo fomos até lá, foi magnífica a nossa visita então ela nos indicou Dr. Walter Mota e que por fim nos indicou o Dr. Luiz Machado que na época estava na Espanha, sei que de um simples se tornou meta de vida.

Depois deste trabalho a minha família de orelhudos cresceu com duas coelhas da raça Botucatu (Sunny e Felicia) daí; vieram os filhos, os netos e os bisnetos, do meu Fifi, e outros coelhos de outras raças, hoje tenho Hermelin, Lion Head, Borboleta Francês, Mini holandês, Azul de Viena. Surgiu também os trabalhos de revisão na área da cunicultura, publicados aqui mesmo no boletim.

No ano de 2016 comecei a fazer parte do grupo dos Cunicultores de Latino America onde obtive contato com o MVZ Henrique Vendura do México. Ele me auxiliou muito no que se refere coelho de corte, neste houve um segundo trabalho desta vez de Nutrição Animal, onde falei sobre o aparelho digestivo dos lagomorfos e como deve ser a sua alimentação, tudo

com ajuda do amigo Kike como é conhecido.

Não me contentei então, comecei a fazer cursos de especialização na área de lagomorfos (coelho), fiz: odontologia veterinária para coelho e roedores, duas vezes inseminação de coelhos, clínica e terapêutica de lagomorfos, clínica cirúrgica de lagomorfos, e criação de coelhos.

No início 2017 vi a necessidade de criar um blog com informações para os cunicultores e para os tutores de coelho, fiz o blog: <https://cunicultando.blogspot.com.br>, onde este já tem desde a sua estreia mais de 20 mil visualizações, tive o prazer de conversar com pessoas de outros continentes através dele, fiz contato com os cunicultores de Latinoamericanos, Angolanos, cunicultores asiáticos com suas peculiaridades, troquei informações importantes com alemães e espanhóis, jamais imaginei que meu blog, que no começo era tão bobo fosse me possibilitar conexões assim, sem contar nos amigos estudantes de medicina veterinária do Amazonas, Santa Catarina, Sul de Minas e Recife que enviavam suas dúvidas para mim e que os ajudasse no que se refere a cunicultura, foi muito gratificante esse meu blog.

Já no primeiro semestre de 2018 a coordenadora Ana Carolina Porto e

professora Lilian Kirsch me convidaram para ministrar 4 aulas sobre produção e reprodução de coelhos e suas particularidades na disciplina de Fisiopatologia da Reprodução II, com medo aceitei o convite seriam minha primeira vez com um público universitário as pernas tremeram, levantei a cabeça, força na peruca, e missão cumprida.

Neste mesmo semestre ainda recebi a grande notícia que a minha iniciação científica foi aprovada pelo conselho universitário onde falarei sobre o perfil bioquímico do mini coelho doméstico, neste trabalho estarei com meu amigo Maykson Junior, sem contar que fui convidada pela Ana Maria Klinger para fazer um capítulo do livro dela sobre cunicultura para tutores de coelhos pet.

A cunicultura me trouxe amigos no Brasil e no mundo, fora o reconhecimento acadêmico. Só não ganhei dinheiro suficiente ainda para viver de cunicultura, não tenho presa, mas, o que conquistei foi de maior valor do que bens materiais ou financeiros, foram bens intangíveis e completamente maiores amigos fieis que sempre serão lembrados.

A cunicultura me devolveu a alegria de viver vida, quem vem para a cunicultura nunca estará sozinho sempre terá um amigo para lhe dar mão. Venha para a família cunicultura você também!

EVENTOS



VI CONGRESSO AMERICANO DE CUNICULTURA

Cidade de Goiânia.
Dias 27, 28 e 29 de Agosto de 2018
Informações: faleconosco@acbc.org.br

EXPOINTER



Estado.

A 41ª Expointer acontecerá entre os dias 25 de agosto a 2 de setembro de 2018, em Esteio – RS. É uma exposição reconhecida como um dos maiores eventos do mundo no setor agropecuário, na qual reuni as ultimas novidades da tecnologia agropecuária e agroindustrial. Estarão expostas as mais modernas máquinas, o melhor da genética e as raças de maior destaque criadas no



PALESTRA GRATUITA SOBRE CRIAÇÃO DE COELHOS

Laerte Tvardovskas
Helena Saturnino

Vamos conversar sobre Mini Coelhos,
Coelhos Gigantes, Raças Puras e também
sobre os nossos 37 anos de experiência
no setor da Cunicultura.

Vocês conhecerão coelhos adultos e filhotes, gaiolas, bebedouros
automáticos, ninhos exclusivos Bela Vista e muito mais.

PARTICIPE!

COMO TER SUCESSO E LUCRAR COM A CUNICULTURA

- Raças
- Matrizes e reprodutores
- Coelhos para estimação e corte
- Manejo dos coelhos
- Sistemas de alimentação
- Higiene e prevenção de doenças
- Projetos econômicos e comerciais
- Diversos tipos de instalações
- Gaiolas, bebedouros, ninhos e acessórios
- Rentabilidade e viabilidade econômica
- Assistência técnica e Comercialização

DATA 2018
01 DE SETEMBRO

Início: 10:00 horas

LOCAL:

COELHO BELA VISTA
Rua das Laranjas, 73 - Marajoara
Campo Limpo Paulista - SP

INSCRIÇÕES:

whatsapp: 11 97164-0001
tel: 11 4039-2459

Vagas Limitadas



http://www.comercialpennafirme.com.br

**COELHO
BELA VISTA**

37 anos no setor
da cunicultura



www.coelhos.com.br



CASA DOS COELHOS E CIA
APRESENTA:



2º DIA DE CAMPO CUNICULTURA PET

21-OUTUBRO



Walter Motta
Zootecnista

Luiz C. Machado
Zootecnista

Felipe Norberto
Zootecnista

Marcela Ortiz
Veterinária

Ana P. Aprigio
Bióloga

VAGAS LIMITADAS GARANTA A SUA

Um dia inteiro de palestras com
os maiores profissionais da área.
Vamos falar sobre:
Padrões raciais, Bem estar na
Cunicultura, Nutrição, Castração,
Tosa estética e higiênica com
demonstração.



INSCRIÇÕES

(31) 99477-1964

Rua: Lincoln, 184, Bairro Bandeirinhas
Betim - MG

APOIO



Caso o teu evento não esteja nesta lista, nos informe utilizando para isso o e-mail
faleconosco@acbc.org.br

O que você gostaria que informássemos neste boletim?
Envie um e-mail para boletimdecunicultura@hotmail.com, sua participação é importante!



BOLETIM DE CUNICULTURA

ACBC - Associação Científica Brasileira de Cunicultura
Faz. Varginha, Rod. Bambuí-Medeiros, km 05. Zona Rural
CEP - 38900-000 - Bambuí - Minas Gerais
Fone : +55 (37) 34314964
CNPJ:02.006.670/0001-40
boletimdecunicultura@hotmail.com
www.acbc.org.br